

*Asas de um Anjo*, de Alencar, por exemplo, teve licença do Conservatório, em janeiro de 1858, e visto da polícia em maio, subindo à cena a 20 de junho: três dias depois foi proibida, pedindo a polícia ao Conservatório que reconsiderasse seu parecer. Alencar era já romancista conhecido, redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*. Protestou, pelas colunas do jornal: a peça não atacava as autoridades constituídas, não desrespeitava a religião, não ofendia a moral pública, tratando tema que peças teatrais estrangeiras, aqui normalmente representadas, tratavam. A não ser que — escrevia — “o véu que para certas pessoas encobre a chaga da sociedade estrangeira rompia-se, quando se tratava de mostrar a nossa própria sociedade”. Sua heroína tinha a culpa de não ser francesa e nem criada por Dumas Filho, como *A Dama das Camélias*. “Pois que o mundo desvenda o vício, por que o teatro não há de mostrá-lo”, reclamava. Saiu em seu auxílio o autêntico homem de imprensa que já demonstrava ser Quintino Bocaiuva, embora repartindo-se com a literatura ainda: “Liberdade, em religião como em política, nas artes como na literatura, eis a divisão do século, o corolário feliz das revoluções que hão ensangüentado a germinação das idéias que formam hoje o espanto da época”. A peça apareceria em livro, em 1860, ajudada pela polêmica que provocara; era, aliás, o ano em que subiria ao palco outra de Alencar, *Mãe*, com o tema da escravidão, mas sem o nome do autor, talvez por escrúpulos de quem iniciava a carreira política.

Em 1855, estreava na *Marmota*, timidamente, aos dezesesseis anos, prestando homenagem ao jovem imperador, como era do bom tom na época, J. M. Machado de Assis. O jornal de Paula Brito anunciava romances e novelas anônimas, fabricadas aos montes para distrair o espírito das sinhazinhas e dos estudantes. Machado de Assis, órfão aos doze anos, fora levado à loja de Paula Brito pela necessidade de ganhar a vida. Ali perto, nas arcadas do Teatro S. Pedro, vendia-se a literatura de cordel, a de maior circulação no tempo. Dali passaria à Imprensa Nacional, como aprendiz de tipógrafo, acolhido por Manuel Antônio de Almeida, que a dirigia. Continuava colaborando na *Marmota* e acumulava ali o serviço de revisão. Em 1859, passaria a revisor do *Correio Mercantil* e escrevia no *Espelho*, fundado por Augusto Emílio Zaluar e Eleutério de Sousa. Enquanto, pela mão de Pedro Luís, ingressava no jornal de Otaviano, pela porta humilde da revisão, continuava a escrever no de Paula Brito versos, comédias, a novela *Madalena*. Jamais esqueceria os tempos da *Petalógica*, da *Marmota*, de Paula Brito. Era este, sem dúvida, figura singularíssima. Mulato, homem do povo, começara como tipógrafo, em 1829, nas oficinas de Seignot Plancher, o fundador do *Jornal do Comércio*, passando, depois, pelo laboratório de uma botica. Em 1831, tinha já tipografia própria, fazendo pan-